

**A PLURALIDADE RELIGIOSA: APROXIMAÇÕES E
AFASTAMENTOS NAS RELAÇÕES ENTRE CATÓLICOS E
INTEGRALISTAS**

Thiago da Costa Amado

Doutorando USP

Email: thiago.c.amado@gmail.com

O presente trabalho trata das maneiras através das quais a Ação Integralista Brasileira, a Igreja Católica e seu laicato organizado discutiram um tema que se tornou crucial para suas relações: a pluralidade religiosa. Trata-se de avaliar como as polêmicas que envolveram este tópico específico aconteceram nos principais veículos de imprensa dessas organizações, definindo possibilidades de negociação, acomodação e limites para as interações entre elas.

As relações entre a Ação Integralista Brasileira, a Igreja Católica e o laicato organizado foram marcadas por muitas afinidades, mas também por muitas divergências. O foco dos atritos girou em torno de um problema central: a disputa pelas consciências. Dele derivaram as discussões a respeito da pluralidade religiosa na Ação Integralista Brasileira, sobre sua legitimidade e as possibilidades de sua aceitação por parte dos católicos. Se a Igreja considerava a si mesma como a religião verdadeira, única capaz de salvar as almas e dominar as consciências, que atitude deveria tomar ela diante da aceitação da pluralidade de cultos no interior da A.I.B.? E o integralismo? Como tentava dialogar com a instituição eclesiástica e seus leigos para justificar sua posição?

O movimento do sigma não era estritamente católico. Também não pretendia sê-lo. Desde o início, tinha aceitado membros de confissões religiosas diferentes em suas fileiras. É difícil precisar com alguma credibilidade quantos dos camisas-verdes pertenciam a religiões não católicas. Certamente não eram a

maioria, mas sua presença não passou despercebida, não para a Igreja. A pluralidade religiosa adquiriu importância, tornou-se um tópico relevante para sua relação com o integralismo. A discussão remetia ao século XIX. O *Syllabus Errorum* era claro ao afirmar como falsas as sentenças:

“15º - É livre a qualquer um abraçar e professar aquela religião que ele, guiado pela luz da razão, julgar verdadeira.

16º - No culto de qualquer religião podem os homens achar o caminho da salvação eterna e alcançar a mesma eterna salvação.

17º - Pelo menos deve-se esperar bem da salvação eterna daqueles todos que não vivem na verdadeira Igreja de Cristo.

18º - O protestantismo não é senão outra forma de verdadeira religião cristã, na qual se pode agradar a Deus do mesmo modo que na Igreja Católica”¹

As recomendações de Pio IX eram expressas: a Igreja não deveria transigir um milímetro sequer. Todas as religiões diferentes da católica não passavam de heresias. Sendo heréticas, não mereciam menos do que a condenação decidida. A aceitação de tais crenças maculava de forma indelével o processo de salvação das almas. O combate tinha que ser firme. Recomendações semelhantes apareciam na *Immortale Dei*:

“(…) É por isso que, do mesmo modo que a ninguém é lícito descuidar seus deveres para com Deus, e que o maior de todos os deveres é abraçar de espírito e de coração a religião, não aquela que cada um prefere, mas aquela que Deus prescreveu e que provas certas e indubitáveis estabelecem como a única verdadeira entre todas, assim também as sociedades não podem sem crime comportar-se como se Deus absolutamente não existisse, ou prescindir da religião como estranha e inútil, ou admitir uma indiferentemente, segundo seu beneplácito. Honrando a Divindade, devem elas seguir estritamente as regras e o modo segundo os quais o próprio Deus declarou querer ser honrado.”²

Mesmo que Leão XIII estivesse mais disposto em transigir com a modernidade, seu rechaço à pluralidade religiosa era idêntico ao de Pio IX. Ambos tinham a Igreja Católica por depositária da verdade. A instituição havia sido fundada pelo próprio Deus Homem, Jesus Cristo, o que lhe dava todas as garantias sobre o domínio espiritual. Posto que fruto da passagem de Deus pela

¹ PIO IX. *Syllabus Errorum*. 1864. Documento consultado em 07/10/2015: <http://docslide.com.br/documents/syllabus-errorum-5608d5a5c2590.html>

² LEÃO XIII. *Immortale Dei*. 1885. Documento retirado das publicações oficiais da Santa Sé, em 07/10/2015: https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_1-xiii_enc_01111885_immortale-dei.pdf

Terra, ela era única. Abrir mão da singularidade de sua missão era uma traição ao próprio Deus. Nesse ponto, a Igreja não podia pactuar.

Afirmadas em documentos referenciais, as sentenças impactaram o cenário brasileiro. D. Sebastião Leme, na Carta Pastoral de 1916, investia raivosamente contra o espiritismo. Chamava-o de “superstição” e ficava admirado com a “cegueira espantosa e inominável com que homens e mulheres, de toda condição e idade, se deixam imbuir da explicação (!) dos fenômenos espíritos”. O espiritismo era um engodo que corroía as almas, era o fruto podre de uma má educação religiosa. Como os católicos brasileiros estivessem apartados dos sacramentos, como sua relação com a religião fosse menos rígida do que gostaria a Igreja, a doutrina de Kardec aparecia como um perigo à consciência. Leme era enfático:

“Superstições! Se quisermos discurrir sobre elas, seria um não mais acabar.

Embora condenadas pelo bom senso e pela Igreja, por tal forma se enraizaram na imaginação do povo, que só a instrução religiosa, ministrada com método, conseguirá extirpá-las. Infelizmente, para mais firmá-las, vieram as abomináveis práticas do Espiritismo”. (LEME, 1916, p. 47)

Postura semelhante foi seguida por *A Ordem*, sobretudo na sessão *Registros*. Um artigo de 1931 relacionava abertamente o espiritismo à criminalidade e a distúrbios psiquiátricos. Para ele, a religião espírita inspirava “crimes os mais estúpidos” e “agindo sobre o sistema nervoso” produzia “uma série de perturbações mentais, desde a simples monomania até os estágios mais agudos de loucura”. Daí que perturbasse a ordem pública, devendo ser combatido pela força policial. Por mais que as religiões protestantes incomodassem os católicos, a associação do espiritismo com a perturbação da ordem social o tornava pior:

“Ora, a polícia não possui, por exemplo, uma sessão de repressão do Protestantismo, à Teosofia, ao Budismo, etc, etc. E não possui, é patente, não por parcialidade em favor destas seitas, porém porque nenhum perigo elas oferecem relativamente à ordem pública e à saúde da população”.³

³ GOMES, Perillo. Espiritismo. In: *A Ordem*, nº13, março de 1931. PP. 183.

Há alguma imprecisão no uso do termo “espiritismo”. É possível que muitas vezes o mesmo termo se referisse tanto aos casos dos seguidores de Alan Kardec quanto às religiões afro-brasileiras. Em outro artigo, o mesmo autor diria que: “os fatos dessa natureza (assassinatos e suicídio cometidos por espíritas) se sucedem com uma frequência impressionante. E os espíritas, não podendo fugir à

Era um paradoxo curioso: ao mesmo tempo em que as religiões citadas eram desqualificadas como “seitas”, a repugnância a elas era menos extremada do que aquela dirigida ao espiritismo. Ao menos não eram consideradas caso de polícia. Não se pedia que contra elas usasse a força. Em *A Ordem*, o registro de combate aberto a protestantes, teosofistas ou budistas é praticamente inexistente. Isso não prova que tais religiões não fossem um problema. A revista seguia bastante fielmente as coordenadas da Igreja na afirmação da singularidade católica. A Reforma protestante do século XVI aparecia como um dos pilares dos males modernos, inclusive o comunismo. A quebra da unidade cristã demolira o conceito de autoridade. Preceitos como o livre exame e a salvação pela fé individual relativizavam o controle eclesiástico sobre as consciências. O protestantismo havia legado à humanidade uma herança maldita, uma herança imperdoável e irreparável. Merecia, pois, toda condenação. De qualquer forma, e para além disso, o crescimento do espiritismo e suas características mais frontalmente opostas aos dogmas da instituição eclesiástica o tornavam um inimigo mais imediato.⁴ Certamente o fato de uma parte da população católica flertar com suas práticas, criando uma interface catolicismo/espiritismo, era motivo de alerta. Se a Igreja não estava disposta a dividir seu domínio espiritual com quem fosse, menos ainda, queria fazê-lo com uma religião de misticismo tão exacerbado, uma superstição tão claramente esdrúxula.

A intransigência internacional da instituição eclesiástica era cultivada também no Brasil. Como se pode notar, não faltavam ataques às demais religiões. A situação seria relativizada por volta de 1932, quando da publicação de uma encíclica papal. Seu nome? *Caritate Christi Compulsi*. Em verdade, a encíclica era um precioso manifesto anticomunista. Tratava dos perigos do materialismo no

sua evidência, para se destacar dessa dificuldade, estabeleceram uma especiosa distinção entre o Espiritismo e baixo Espiritismo, que não equivale à realidade, pois que os loucos de origem espírita procedem de todas as camadas sociais”. Ver: GOMES, Perillo. Espiritismo e Loucura. In: *A Ordem*, nº 22, dezembro de 1931. PP. 376.

⁴ É preciso lembrar que o espiritismo foi a única religião citada na Carta Pastoral de D. Sebastião Leme. Ao mencionar os artigos redigidos pelos militantes do Centro D. Vital, Riolando Azzi mostra que apenas entre 1921 e 1922, Hamilton Nogueira escreveu oito artigos contra a religião espírita. Enquanto as críticas às demais religiões vinham dissolvidas em textos mais amplos, o espiritismo possuía um lugar cativo. (AZZI, 2003).

mundo moderno, que gerava o avanço considerável das forças de esquerda. O objetivo era extirpar definitivamente o comunismo. Como ele colocava em risco a própria existência de Deus, era em torno dela que a união deveria acontecer. Pio XI sintetizava: “Com Deus ou contra Deus, é esta, novamente, a escolha que deve decidir o destino da humanidade”. Dada a gravidade do problema, propunha:

“Por isso, pois, conjuramos no Senhor, tanto aos indivíduos como às nações, a depor ante tais problemas e nestes momentos de tão encarniçadas lutas vitais para a humanidade, esse mesquinho individualismo e abjeto egoísmo, que cega ainda as inteligências mais perspicazes e faz fracassar qualquer nobre iniciativa, por pouco que ela passe dos estreitos limites do restringidíssimo cerco de seus interesses particulares; unam-se todos, ainda que com graves sacrifícios, para salvar-se a si mesmos e salvar a humanidade. Em tal união de ânimos e de forças devem ser naturalmente os primeiros os que se vangloriam do nome de cristãos, recordando as gloriosas tradições dos tempos apostólicos, quando a multidão dos crentes formava um só coração e uma só alma; mas concorram leal e cordialmente todos os outros que admitem um Deus e o adora, para alijar da humanidade o grave perigo que ameaça a todos. Porque, em feito, o crer em Deus é a base indestrutível de toda ordem social e de toda responsabilidade sobre a Terra: e por isso todos os que não queiram a anarquia e o terror, devem energeticamente empenhar-se em que os inimigos da religião não alcancem os objetivos que tão abertamente tem proclamado”.⁵

Era um chamado a que todos os cristãos deixassem de lado suas divergências e trabalhassem juntos no enfrentamento daquilo que era o essencial: o perigo do comunismo, da antirreligião. A civilização periclitava. Não era o momento para que diferenças menores permitissem o esfacelamento completo do cristianismo. A Igreja não estava abrindo mão de seus princípios, apenas relativizando sua ação frente a eles. Continuava a se arrogar o papel de única salvadora, mas aceitava a presença de outros cultos como um fato, alguma coisa que ela, infelizmente, não podia negar. Tolerá-los na luta contra o inimigo comum era optar pelo mal menor. A palavra chave era união.

Os apelos do documento de Pio XI fizeram dele a pedra angular da pluralidade religiosa no integralismo. Com base neles, o movimento se proclamou a Frente Única Espiritual, pronto para realizar a união que salvaria o mundo de seu fim. Logo no segundo número de *A Offensiva*, um artigo lamentava que a encíclica ainda fosse pouco conhecida pelos católicos brasileiros. Ao final,

⁵ Pio XI. *Caritate Christi Compulsi*. 1932. Documento consultado em 15/12/2016: http://www.mercaba.org/PIO%20XI/caritate_christi_compulsi.htm

reproduzia o mesmo trecho acima, pedindo aos católicos que lessem e meditassem. Antes, porém, declarava:

“O Integralismo é a Frente Única da Fé e da Aspiração contra a Descrença, a Negação e a Anarquia. Ele coloca para a luta sem tréguas todos os Homens de Boa Vontade que acreditam em Deus e de sua crença fazem o fundamento da ordem social. Soma de esforços, de tendências, de espiritualismo, não pode marcar limites ao credo dos que ingressam em suas fileiras. Por isso, afirma Deus com liberdade de consciência religiosa. Está, assim, de acordo com Sua Santidade o papa, quando propugna a reunião, a aliança, a liga de todos os crentes contra o materialismo avassalador, o capitalismo escravizante e o comunismo ateuista”.⁶

O movimento buscava legitimidade para sua posição. Afirmava-se em plena concordância com o pontífice. Em várias ocasiões fez referência à encíclica, sempre tentando mostrar que o integralismo respeitava seu conteúdo. O texto papal tornou-se uma constante nas publicações integralistas. Em artigo, após citá-lo, Plínio Salgado dizia que “foi compreendido pelos integralistas, tanto católicos como luteranos, presbiterianos ou spiritistas, pois hoje formamos a frente única de Deus, da Pátria e da Família”.⁷ E, no ano seguinte, quando Pio XI reafirmou a necessidade de união dos cristãos, o líder integralista aplaudiu suas palavras: “fala Sua Santidade de um ‘inimigo comum’. Refere-se ao comunismo. Aponta para o perigo gravíssimo, não só da cristandade, mas ainda para todos os que, acreditando num Deus, fazem dele o fundamento de toda organização social”.⁸ O mesmo dizia Gustavo Barroso sobre o integralismo que, no seu entender, “se põe de acordo com a luminosa encíclica *Caritatis Christi Compulsi* de S. S. Pio XI, a qual preconiza, para resistir ao materialismo dissolvente, a frente única (...)”.⁹ Paradoxalmente, o movimento afirmava sua pluralidade religiosa a partir da doutrina de uma religião, a católica.

Os padres que entraram no movimento também encontraram refúgio na encíclica. Ponciano Stenzel dos Santos baseava sua militância integralista nela e terminava por afirmar que “só o Integralismo é a organização suficientemente

⁶ REDAÇÃO. Frente Única Espiritual. In: *A Offensiva*, nº 2, 24 de maio de 1934.

⁷ SALGADO, Plínio. O problema da ordem. In: *A Offensiva*, nº 39, 7 de fevereiro de 1935. PP. 1.

⁸ SALGADO, Plínio. A palavra de Roma. In: *A Offensiva*, nº 180, 13 de maio de 1936. PP. 2.

⁹ BARROSO, Gustavo. A atitude dos católicos em face do integralismo. In: *Catolicismo e Integralismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1937. PP. 115.

aparelhada para debelar o mal”¹⁰ ou, em outras palavras, só o integralismo poderia capitanear a frente única espiritual. O mesmo fazia Leopoldo Aires, que, depois de citar um trecho do documento, apelava: “assim, pois, não há de vacilar. Para o bem do Brasil, para a salvação da civilização cristã, concentremos no Integralismo a frente única dos cristãos contra os inimigos de Deus”.¹¹ Outro religioso, padre Antônio Mello, chegou a escrever um poema:

“FRENTE ÚNICA

Eis-me no meio de espiritualistas
de credo igual e credo diferente,
para que vendo-nos entenda a gente
os nossos ideais integralistas.

Nós estamos ali conforme as vistas
do grande Papa, que não quer somente
seus súditos fiéis comendo a frente
contra as hostes vermelhas comunistas.

Assim a nova salvadora ideia
que por todo o país lampeja e avança
vai sendo ouvida por maior plateia.

Pois não tem um só credo a segurança
mas em qualquer que, divergente embora,
ama a Pátria e a Família e a um Deus adora.”¹²

¹⁰ SANTOS, Ponciano S. Porque me alistei no integralismo. In: *A Offensiva*, nº 161, 21 de abril de 1936. PP. 4.

¹¹ AIRES, Leopoldo. Porque me fiz integralista. In: *A Offensiva*, nº 419, 21 de fevereiro de 1937. PP. 11.

¹² MELLO, Antonio F. Frente Única. In: *Anauê*, nº 4, outubro de 1935. PP. 8.

O poema foi escrito como homenagem a uma fotografia tirada no Congresso Integralista de Petrópolis. Na foto, Padre Mello aparece em meio a militantes integralistas de outros credos religiosos. Sua legenda: “A fotografia acima, tirada no Congresso de Petrópolis, é um eloquente testemunho de um dos grandes milagres do Sigma: a Frente Única Espiritual, preconizada pelo papa Pio XI, em defensiva contra a avalanche materialista do século. No centro do banco veêm-se ,

Citações assim foram comuns, o que mostra as possibilidades em relação ao espaço aberto por Pio XI. De fato, a leitura que os integralistas fizeram da encíclica em muito colaborou para minorar o problema. O texto abria margem para uma maior brandura em relação a outras religiões, o que poderia suavizar críticas mais violentas à pluralidade religiosa do movimento. Mas nem tudo estava resolvido. Por mais que as indicações papais fossem expressas, a Igreja possuía um longo histórico de intolerância. O combate que ela própria havia criado não poderia ser tão automaticamente substituído, não sem ruídos. Na polêmica entre Hélder Câmara e Severino Sombra o tema já aparece. Nela, Sombra teria acusado o integralismo de ser liberal demais em matéria religiosa, acusação contra a qual o padre cearense citou a mesma *Caritate Christi Compulsi*.¹³ Alceu Amoroso Lima também mencionou o suposto “liberalismo religioso” do movimento. Recorria a Pio XI para concluir que “embora falso e perigoso, esse liberalismo religioso pode ser perfeitamente defensável, como movimento de aliança temporária contra males mais graves e iminentes”.¹⁴ O líder do laicato frisava que a união deveria ser apenas tática, com fins bastante claros e determinados. Caso não fosse assim, ela certamente resultaria em prejuízo irreparável para as consciências. Para que a cooperação funcionasse, seus limites precisavam ficar evidentes. D. Gastão

assentados, lado a lado, dois sacerdotes de dois ramos católicos que não re reconhecem oficialmente: o Padre Antonio F. de Mello (católico romano) e o Ver. Gastão P. de Oliveira (católico anglicano); ainda ladeando o Padre Mello, vê-se, na extrema, o pastor Eurípedes C. Menezes (protestante luterano) e ao lado do sacerdote anglicano, D. Gastão, vê-se o senhor Dário Bittencourt, chefe da Província Gaúcha, e católico-romano. À retaguarda, de pé, estão três espiritualistas; um teosofista e dois católicos-romanos. Vê-se aí também a família espírita do companheiro Thompson Filho. É a resposta unânime, que dá um povo profundamente espiritual, ao grito de alerta do seu grande chefe Plínio Salgado, o chefe suscitado por Deus para salvar o Brasil”. Ver: REDAÇÃO. Frente Única Espiritual. In: *Anauê*, nº 3, agosto de 1935. PP. 7.

De fato, o apelo imagético era poderoso. A fotografia parecia consubstanciar as pregações de união do movimento, tornando-as palpáveis, reais.

¹³ CÂMARA, Hélder. O Integralismo em face do Catolicismo. In: *A Offensiva*, nº 18, 13 de setembro de 1934. PP. 2.

¹⁴ LIMA, Alceu A. Catolicismo e Integralismo. In: *A Ordem*, nº 59, janeiro de 1935. PP. 8. O raciocínio de Amoroso Lima está baseado nas *Diretrizes Integralistas*, que declaravam: “o Integralismo se propõe respeitar integralmente a liberdade de crença e de cultos, desde que não constituam ameaça à paz e harmonia social”. Diferente de boa parte de seus outros itens, não era uma sentença muito concessiva aos interesses católicos. Também não desfazia nenhuma confusão programática: desde sempre o integralismo havia se proposto plural no campo religioso. Mesmo assim, guardava uma nuance importante: não eram todas as religiões que poderiam ser aceitas, apenas aquelas que não subvertessem os critérios da paz e harmonia social. Provavelmente, a exclusão era destinada às religiões afro-brasileiras. Diferentemente do que faziam os católicos, os espíritas kardecistas não eram misturados aos afro-brasileiros.

Liberal Pinto fazia um raciocínio assemelhado, embora chegasse a uma conclusão radicalmente diferente. Dizia:

“O integralismo coloca o Estado equidistante de todas as religiões. O Estado integralista será rigorosamente neutro, terá posição absolutamente idêntica a dos estados liberais que afirmam a existência de Deus, como a Constituição Brasileira de 1934, e se conservam rigorosamente alheias às diversas confissões religiosas”.¹⁵

O fato de o integralismo tomar posição idêntica a dos liberais mostrava seu descompromisso com o catolicismo. Era mais um motivo para sua condenação. Mesmo o documento resposta a D. Gastão reconhecia que o “integralismo, em matéria religiosa, age como liberal democrata”,¹⁶ embora mostrasse a compatibilidade entre tal atitude e as palavras de Pio XI. A bem da verdade, existia consenso quanto ao “liberalismo religioso” do movimento. O problema maior estava no quanto dele era tolerável, em sua negação, aceitação ou limitação. Não era um problema com a definição, mas de suas implicações. Daí a variação das posturas.

É curioso que, enquanto os católicos vissem o movimento como excessivamente liberal, outras religiões muitas vezes o achavam muito clerical. Eurípedes Cardoso de Menezes, um pastor de fé abertamente luterana e integralista, falava da hesitação de muitos em entrar para o integralismo em virtude de “infundado receio de ser ‘clericalista’ este movimento”.¹⁷ Um espírita, Luciano Avellar, manifestava preocupação análoga. Referia-se às confusões existentes entre os membros de sua religião e a A.I.B.. Segundo ele: “no setor espírita, a maldade não teve limites. Afirmaram que constituíamos um movimento sectarista clerical”.¹⁸ Por mais que desqualificassem tais atitudes, atribuindo-as à

¹⁵ PINTO, Gastão L. *Breves observações sobre a ortodoxia da doutrina integralista perante a Igreja Católica*. 26/08/1937. Acervo pessoal.

¹⁶ *Apreciação das ‘Impressões sobre a ortodoxia da doutrina integralista perante a Igreja Católica’ de S. Excia. Revdma. D. Gastão Liberal Pinto*. PP.20. Documento 103.007.016: FPS, APHMRC

¹⁷ MENEZES, Eurípedes C. Frente Única Espiritual. In: *A Offensiva*, nº 27, 15 de novembro de 1934. PP. 5. Outro artigo reproduz uma carta enviada por ele ao presidente do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil, Augusto Heine, onde declara que não poderia assumir o cargo de Ministro da Igreja Luterana em virtude de sua militância no movimento. Menezes se refere à “grande simpatia que vossa reverendíssima revela pelo movimento do Sigma”, embora frise que Heine queria se manter afastado das atividades políticas. Ver: MENEZES, Eurípedes C. Por Deus e pela Pátria. In: *A Offensiva*, nº 69, 7 de setembro de 1935. PP.2.

¹⁸ AVELLAR, Luciano. Frente Espiritualista em Defesa da Pátria. In: *A Offensiva*, nº 556. PP. 2.

confusão ou a uma estratégia comunista de enfraquecimento da religião, ambos deixam ver que o problema da predominância do catolicismo no movimento existia. Os dois artigos apontavam o mesmo caminho para sua superação: a frente única espiritual. Se o problema existia, existia também um esforço para contorná-lo. É sintomático que a fórmula papal fosse usada por membros não católicos: Eurípedes Cardoso de Menezes chegou a citar textualmente Pio XI! Apesar das muitas divergências, o apelo de união frente ao inimigo comunista parecia ser uma variável realmente poderosa. Se não eliminava toda a desconfiança das religiões, é certo que as abrandava ao ponto de se tornarem genericamente controláveis. A despeito dos embaraços, mais ou menos intensos de acordo com variações locais, o aceno colaborativo para conjuração do mal comunista surtiu efeito positivo. Ao menos, permitiu que o movimento abrigasse várias orientações de fé não católica, ainda que parte delas se mostrasse hesitante.¹⁹ Se houve percalços, também houve espaço para adaptação.

De qualquer forma, a tensão existiu e afetou tanto os católicos quanto os demais. Era um paradoxo sem sempre fácil de equacionar. De um lado, existia o receio católico quanto à pluralidade religiosa do movimento e, de outro, a apreensão das demais religiões quanto à falta dela. O integralismo ficava em algum lugar entre seu “liberalismo” e seu “clericalismo”. Ainda assim, as várias religiões foram chamadas a se reconciliar em prol de um bem maior. A A.I.B. queria se consolidar enquanto frente única. Sua imprensa o demonstra. Durante algum tempo, as páginas do periódico *A Offensiva* abrigaram lado a lado uma coluna católica e outra espírita.²⁰ Trouxeram anúncios sobre atividades religiosas que incluíam missas, sessões espíritas e cultos da Igreja Evangélica Fluminense.²¹

¹⁹ O caso dos imigrantes alemães no sul mostra a complexidade do. Como muito deles eram luteranos, possuíam receio pelo excesso de conteúdo católico no movimento. Mesmo assim, uma parcela considerável deles aderiu ao movimento, movida pela ideia de colaboração religiosa. Haja vista que a região foi aquela adesão mais significativa ao integralismo. O problema existiu, mas foi relativamente contornado. (GERTZ, 1987). Embora não haja trabalhos sobre o espiritismo no integralismo, as muitas referências e artigos fazem crer que número considerável deles participou dele.

²⁰ Ver, por exemplo: *A Offensiva*, nº 207, 16 de junho de 1936. PP. 7. E: *A Offensiva*, nº 213, 23 de junho de 1936. E: *A Offensiva*, nº 217, 27 de junho de 1936.

²¹ Ver, por exemplo: REDAÇÃO. Religião. In: *A Offensiva*, nº 18, 13 de setembro de 1934. PP. 5. E: REDAÇÃO. Religião. In: *A Offensiva*, nº 66, 17 de agosto de 1935. PP. 6.

Publicaram textos de Eurípedes Cardozo de Menezes e, também, vários artigos direcionados especificamente ao público espírita, boa parte deles tentando esclarecer quanto ao não exclusivismo católico.²² A revista *Anauê* realizou procedimento análogo. Não só trazia os poemas do padre Mello como também um texto seu sobre pluralidade religiosa, subscrito pelo Reverendo Gastão de Oliveira, da Igreja Episcopal Brasileira.²³ Em mesma página publicava a notícia da adesão do Reverendo Alfredo Alípio do Valle, ministro da Igreja Presbiteriana, e um poema do Cônego J. Thomaz de A. Menezes.²⁴ Eram todas maneiras de reafirmar o compromisso do movimento com as várias religiões. O integralismo estava disposto a fazer a frente única funcionar.

Se é possível dizer que o funcionamento da frente foi relativamente bem sucedido, ele nem sempre foi fácil. Era preciso que o movimento se equilibrasse em meio às disputas, dúvidas e acusações. Do ponto de vista católico, também houve desconfiança. O próprio Salgado é quem o diz:

“Essa palavra de Roma deve ser ouvida com atenção. Principalmente por certos católicos que, mais realistas do que o rei, mais fechados do que a palavra admirável do senso político da Santa Sé, se manifestam contrários à cooperação de todos os que, acreditando em Deus e, principalmente, amando a Cristo, se unem numa campanha política, visando abater o materialismo avassalador”.²⁵

O trecho deixa ver as dificuldades. Uma parte dos católicos se mostrou reticente. Por mais que o integralismo estivesse de acordo com as recomendações de Pio XI, nem sempre conseguiu vencer os entraves que seu suposto “liberalismo religioso” representava. Para muitos dos fiéis ortodoxos de Roma, acostumados durante longo tempo a ver na sua crença a única verdade, era impossível aceitar qualquer abertura. Os católicos eram chamados a conviver com religiões que eles próprios tinham responsabilizado por todo o mal que se abatera sobre o mundo.

²² Ver, por exemplo: MENEZES, Eurípedes C. Aos pés do senhor. In: *A Offensiva*, nº 332, 8 de novembro de 1936. PP. 9. E: SILVA, José F. Porque os espíritas não devem ser comunistas. In: *A Offensiva*, nº 55, 1 de junho de 1936. PP. 2. E: REDAÇÃO. O aniversário de Allan Kardec foi comemorado ontem. In: *A Offensiva*, nº 302, 4 de outubro de 1936. PP. 8. Nesta reportagem consta a informação de que dentre os presentes na comemoração da Federação Espírita estava “grande número de camisas-verdes”.

²³ MELLO, Antonio. Sem título. In: *Anauê*, nº 15, maio de 1937. PP. 18.

²⁴ *Anauê*, nº 4, outubro de 1935. PP. 8.

²⁵ SALGADO, Plínio. A palavra de Roma. In: *A Offensiva*, nº 180, 13 de maio de 1936. PP. 2.

Tinham que dividir o mesmo espaço político com pessoas que seus líderes acusaram de ser doentes mentais ou criminosos potenciais. Não foi uma tarefa fácil. A tensão foi inerente a ela. Teve que ser administrada em seus fluxos e contrafluxos. As recomendações expressas do papa e o medo do perigo comunista, crescente a partir de 1935, permitiram que os choques fossem relativamente contornados. Quanto mais o perigo se intensificava, mais manejável a discussão parecia. O fato de os principais líderes do movimento professarem publicamente fé católica também contribuiu para manter as suspeitas sob controle. É pouco provável que os resultados das negociações tivessem sido os mesmos se Plínio Salgado não fosse abertamente católico. De qualquer maneira, ao integralismo foi recomendado cautela. A posição do movimento em matéria religiosa não o invalidava como opção legítima para os leigos, sequer impedia a simpatia de líderes laicos e religiosos, mas o tornava distante do “ideal católico”.²⁶ A ressalva permaneceu, embora com uma inegável margem de acomodação.

A pergunta que fica ao leitor é: por que, a despeito de todas as similitudes e concessões do movimento ao catolicismo, ele resistiu tão ferozmente a torná-lo sua religião oficial? A presença de membros de outras confissões em seu interior, sobretudo no sul, é uma variável importante, mas não responde tudo. Um artigo anônimo da revista *Anauê* apontava que a negação da pluralidade religiosa implicava em três erros:

“É certo que em oposição aos ateus e aos agnósticos existem ao lado dos católicos os seguidores de várias seitas ou denominações cristãs que seguramente não procurarão a sombra de bandeiras vermelhas. Excluí-los seria cometer três erros: incoerência desintegrando o todo; injustiça, desamparando cooperadores; imprudência, dispersando forças com a possibilidade de irem formar nas fileiras inimigas”.²⁷

A aceitação dos vários credos era tida como uma forma de evitar a luta fratricida entre brasileiros, fazendo todos trabalharem na obra do soerguimento nacional e contra o inimigo comunista. Héglio Trindade verificou que no nacionalismo e no espiritualismo estavam dois dos principais elementos de

²⁶ A expressão é usada tanto por Helder Câmara como por Amoroso Lima para se referir à pluralidade religiosa. Ver: CÂMARA, Helder. O Integralismo em face do Catolicismo. In: *A Offensiva*, nº 18, 13 de setembro de 1934. PP. 2. E: REDAÇÃO. Fala sobre o Sigma o senhor Tristão de Athayde. In: *A Offensiva*, nº 324, 30 de outubro de 1936. PP. 2

²⁷ REDAÇÃO. Conceitos Integralistas. In: *Anauê*, nº 1, janeiro de 1935. Sem paginação.

convergência do movimento. Eram elementos agregadores, que permitiam a convivência de tendências diferentes numa única agremiação política. (TRINDADE, 1979, p. 279) A ruptura de seu equacionamento poderia ocasionar uma ebulição que levasse ao esfacelamento do integralismo ou relativizassem incorrigivelmente seu ideário. Tomasse o espiritualismo difuso apenas como algo católico e o equilíbrio poderia ser interrompido, ameaçando a unidade da Ação Integralista Brasileira e, conseqüentemente, a unidade nacional que ela tentava formar. A pluralidade religiosa não era um traço meramente prático do movimento. Não era apenas a consequência do medo de se perder tal ou qual apoios específicos, sobretudo aqueles oriundos dos protestantes do sul. Era sim o resultado de uma combinação entre dois de seus mais importantes componentes ideológicos. No fundo, trazia incrustada mais uma entre suas tantas ambigüidades: para que sua obsessão de integração num todo homogêneo acontecesse, era preciso reconhecer as diversidades.

Ao final, embora a discussão a respeito da pluralidade religiosa não tenha sido suficiente para causar rupturas nas relações entre integralistas e católicos, serviu para fixar alguns limites entre elas. Ambos precisaram conviver com a tensão que se armou em suas buscas pelas consciências: uma tensão que se mostrou administrável, ainda que longe de ser cômoda.

Referências bibliográficas

AZZI, Riolando. *Os Pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2003.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LEME, D. Sebastião. *Carta Pastoral saudando a sua arquidiocese de Olinda*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1916.

RODRIGUES, Cândido; ZANOTTO, Gizele. *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina*. Cuiabá: EDUFMT, 2013.

SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo*. Rio de Janeiro: Star, 1933.

SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação!*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

SILVA, Giselda B. Catolicismo e Integralismo. In: *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. nº 13/14, Ano VII, 2008.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.